

Este material foi testado com as seguintes questões de acessibilidade:

- PDF lido por meio do software *NVDA* (leitor de tela para cegos e pessoas com baixa visão);
- Guia da *British Dyslexia Association* para criar o conteúdo seguindo padrões como escolha da fonte, tamanho e entrelinha, bem como o estilo de parágrafo e cor;
- As questões cromáticas testadas no site *CONTRAST CHECKER* (<https://contrastchecker.com/>) para contraste com fontes abaixo e acima de 18pts, para luminosidade e compatibilidade de cor junto a cor de fundo e teste de legibilidade para pessoas daltônicas.

Arte, educação contemporânea e cultura visual: diálogos convergentes na mediação online

Art, contemporary education and visual culture: convergent dialogues in online mediation

Arte, educación contemporánea y cultura visual: diálogos convergentes en el mediación online

2



Noeli Batista dos Santos

Universidade Federal de Goiás (UFG)



Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral

Universidade Federal de Goiás (UFG)

Resumo: O presente texto apresenta possibilidades apropriação e o reconhecimento do ambiente digital como “locus” privilegiado de experiências para a construção e o compartilhamento de aprendizagens delineadas pelo ensino de arte e estudos da Cultura Visual, em cursos online, no âmbito da pesquisa e extensão universitária, ofertados nos anos de 2011, 2013, 2014, 2016 e 2019. Do ponto de vista metodológico, trata-se de um estudo de caso que está sendo desenvolvido a partir de ações implementadas pelo Programa de

Extensão Arte na Escola – Polo Goiás. Nesse processo, reconhecemos os caminhos pelos quais transitamos e destacamos três desafios que nos orientam para a continuidade e ampliação dessas ações: deslocamento, inclusão e pertencimento. Portanto, constatamos que é possível uma educação contemporânea para pensar e (re)criar práticas pedagógicas convergentes, com as dimensões pedagógica e investigativa, para a construção de conhecimento em ambientes de ensino mediados pelas TICE.

Palavras-chave: Arte. Educação Contemporânea. Cultura Visual. Mediação Online. Extensão Universitária.

Abstract: This text presents possibilities appropriation and recognition of the digital environment as a privileged locus of experiences for the construction and sharing of learning outlined by art teaching and studies of Visual Culture, in online courses, within the scope of university research and extension, taught in the years 2011, 2013, 2014, 2016 and 2019. From the methodological point of view, this is a case study that is being developed from actions implemented by the Art Extension at School Program – Polo Goiás. In this process, we recognize the paths we have traveled and highlight three challenges that guide us towards the continuity and expansion of these actions: displacement, inclusion and belonging. Therefore, we find that it is possible a contemporary education to think and (re)create convergent pedagogical practices, with the pedagogical and investigative dimensions, for the construction of knowledge in teaching environments mediated by TICE.

Keywords: Art. Contemporary Education. Visual Culture. Online Mediation. University Extension.

Resumen: Este texto presenta posibilidades de apropiación y reconocimiento del entorno digital como un lugar privilegiado de experiencias para la construcción y el intercambio de aprendizaje delineado por la enseñanza del arte y los estudios de la cultura visual, en cursos en línea, en el ámbito de la investigación y extensión universitaria, ofrecido en los años 2011, 2013, 2014, 2016 y 2019. Desde el punto de vista metodológico, este es un estudio de caso que se está desarrollando a partir de acciones implementadas por el Programa de Extensión Artística en la Escuela – Polo Goiás. En este proceso, reconocemos los caminos que hemos recorrido y destacamos tres desafíos que nos guían hacia la continuidad y expansión de estas acciones: desplazamiento, inclusión y pertenencia. Por lo tanto, encontramos que es posible una educación contemporánea para pensar y (re)crear prácticas pedagógicas convergentes, con las dimensiones pedagógicas e investigativas, para la construcción de conocimiento en entornos docentes mediados por TICE.

Palabras clave: Arte. Educación Contemporánea. Cultura Visual. Mediación Online. Extensión Universitaria.

Data de submissão: 24/07/2019

Data de aprovação: 15/04/2020

Introdução

Há quase duas décadas as *Tecnologias Digitais de Comunicação, Informação e Expressão* (TICE), conforme cita SANTOS (2018), modificaram as formas de produção e compartilhamento de conteúdos entre plataformas digitais e os já tradicionais espaços de produção de conhecimento. Com a chamada *Web 2.0* (O'REILLY, 2009), os trânsitos entre ambientes digitais e analógicos ganharam relevância, visto que usuários não especialistas em programação puderam, por meio de tais tecnologias, adentrarem os espaços das redes digitais e, de maneira experimental, publicarem conteúdos de diferentes temáticas e finalidades.

Nesse mesmo contexto, as universidades foram lançadas a esse desafio por meio de ações pontuais de docentes-pesquisadores(as) cuja ênfase de suas pesquisas tiveram como foco se apropriarem dessas redes digitais emergentes e, de maneira pioneira, ampliarem o acesso aos conteúdos produzidos no âmbito acadêmico, sob novos formatos – de características multidimensionais, hipermóveis e ubíquas (SANTAELLA, 2013). Experiências marcantes nessa perspectiva podem ser citadas, por exemplo, os movimentos *Open Classroom* (aula aberta), *Open University* (universidade aberta) e *Open Source* (PETERS; BRITEZ, 2008) que lançaram as bases para o conceito de Educação Aberta (EA) em defesa da liberdade, cidadania, conhecimento para todos, progresso social e transformação individual. De mesma vertente, podemos citar o primeiro *Massive Open Online Course* (MOOC) intitulado *Connectivism and Connective Knowledge* (HABER, 2014), de autoria de Stephen Downes e George Siemens, no ano de 2008.

Desde o ano de 2007, portanto, na linha de frente das perspectivas de convergência entre o contexto universitário e a educa-

ção aberta, a Universidade Federal de Goiás (UFG) passou a integrar esse emergente cenário da cibercultura (LEMOS, 2002; LÉVY, 2010) ao acolher os programas de formação de professores na modalidade a distância – promovidos por políticas públicas do então Governo Federal –, sendo eles, o Programa Pró-Licenciatura, o Programa Universidade Aberta do Brasil, incluindo o Programa PARFOR. A Faculdade de Artes Visuais da UFG, no âmbito da oferta dos cursos de Licenciatura em Artes Visuais – modalidade a distância, no decurso destes 12 anos tem vivenciado a experiência de, não apenas, formar professores(as) de Artes Visuais, mas também, suprir as necessidades formativas decorrentes dessa modalidade, entre elas, a necessidade de alargar o campus universitário para as redes digitais e, nesse movimento, incluir as comunidades de estudantes residentes em diferentes cidades do Estado de Goiás e também de outras unidades federativas no diálogo formativo oportunizado pelas ações de extensão universitária.

O presente texto tem como objetivo apresentar as possibilidades de ensino e aprendizagem no ambiente digital através de experiências educativas desenvolvidas nos anos de 2011, 2013, 2014, 2016 e 2019 visando refletir sobre as ações de ensino ofertadas na modalidade de ensino a distância (EaD), no âmbito da pesquisa e extensão universitária.

Nessa perspectiva, trata-se de um estudo de caso (YIN, 2015) que está sendo desenvolvido a partir de ações implementadas pelo *Programa de Extensão Arte na Escola - Polo Goiás*, que nasce da sistematização de ações desenvolvidas na modalidade de EaD, pela Faculdade de Arte Visuais da Universidade Federal de Goiás (UFG), em parceria com o Instituto Arte na Escola. Referenciado pela característica da pesquisa na Internet, na compreensão de “[...] que a internet pode ser tanto objeto de pesquisa (aquilo que se estuda), quanto local de pesquisa (ambiente onde a pesquisa

é realizada) e, ainda, instrumento de pesquisa (por exemplo, ferramenta para coleta de dados sobre um dado tema ou assunto)” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 17).

Temas em arte, educação contemporânea e cultura visual

O *Programa de Extensão Arte na Escola - Polo Goiás*, iniciou suas ações e lançou suas bases conceituais no ano de 2011, período em que começamos a refletir sobre a utilização da plataforma *Moodle* como ambiente digital de ensino, ao possibilitar o desenvolvimento de ações de ensino e aprendizagem em rede. Considerando que o ambiente é um espaço que deve ser vivido e experimentado, o ambiente digital ganha sentido ao proporcionar vivências, as quais – ao tornarem-se experiências para ensino e aprendizagem –, estimulam a participação e a interação entre diversos atores por meio da Internet, uma vez que passam a apresentar, a discutir e a compartilhar suas ideias em ambiente aberto e colaborativo. Um ambiente onde “[...] o indivíduo aprende melhor quando vivencia a situação, descobre novos significados, estabelece um momento de tensão, questiona, interage, quando sente necessidade e com prazer [...]” (SOUZA, 2003, p. 36).

Naquele contexto, o *Moodle* – enquanto plataforma institucional oficializada pela UFG, possibilitava aos docentes e estudantes novas formas de interação didático-pedagógica redimensionadas pelas tecnologias, com possibilidades de autonomia em relação às dimensões espacial e temporal e, ainda, como campo de pesquisa. A Plataforma *Moodle* (*Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment*) constitui-se em um pacote de softwares gerenciado, naquele período, pelo Centro de Recursos Computacionais da UFG (CERCOMP UFG).

O *Moodle* é um *software* de gerenciamento de cursos para auxiliar na mediação a distância, por meio de ferramentas compartilhadas e gratuitas. Nesse período, começamos a desenvolver projetos com o objetivo de trabalhar temáticas voltadas para a área de Arte Visuais e ou Cultura Visual através de cursos online e gratuitos.

Primeiramente, a ideia foi ofertar cursos com carga horária totalmente online para os(as) estudantes da Licenciatura em Arte Visuais da FAV UFG (modalidade a distância) como forma de contribuir na integralização das horas complementares, cuja exigência indicada no Projeto Pedagógico de Curso (PPC) era de 300 horas. Naquele contexto, o cumprimento da carga horária complementar por estudantes vinculados aos nove polos de apoio presencial do Programa UAB (primeira oferta) – Alexânia, Alto Paraíso, Aparecida de Goiânia, Catalão, Cezarina, Goianésia, São Simão, Formosa e Uruana; aos seis polos de apoio presencial do Programa UAB (segunda oferta) – Anápolis, Inhumas, Iporá, Rio Verde, Mineiros e Morrinhos; e aos cinco polos de apoio presencial do Programa Pró-Licenciatura (com exceção do polo Goiânia) – Catalão, Ceres, Firmínópolis e Jataí –, necessitavam de interferência direta da equipe pedagógica dos cursos, visto que tais polos não conseguiam suprir a oferta de atividades que possibilitasse a esse grupo de estudantes integralizar as horas complementares exigidas.

No ano de 2011, na tentativa de suprir essa carência, foram ofertados 25 cursos por professores(as) e tutores(as) dos Programas UAB e Pró-licenciatura (Ver Tabela 01). Essa oferta foi configurada em uma, duas ou três edições entre os meses de janeiro, fevereiro e julho, totalizando 810 cursistas (estudantes dos cursos de Licenciatura em Artes Visuais - modalidade a distância). Essa primeira experimentação sinalizou que essa modalidade de oferta de cursos, totalmente online, atendiam ao propósito pelo qual foram criados, ou seja, expandir o espaço formativo para além das disciplinas que compu-

nham a matriz curricular, mas também sinalizou a real possibilidade de diálogos por meio de ações de extensão na modalidade online.

Tabela 01: Cursos ofertados no ano de 2011.

Nome do curso	Ministrante	Edições	Quantidade de cursistas
Alquimia - tintas naturais.	Andrea Gandolfi	1	25
As imagens que invadem as salas de aula.	Luciana Borre Nunes	1	26
Comunicação: ferramenta para gestão escolar.	Patrícia Quitero	1	22
Criação de Movie Maker e sua aplicação em sala de aula.	Eliane Quintais	1	19
Criação e Produção de Cartaz Publicitário.	Leandro Bessa	1	26
Criação Publicitária.	Leandro Bessa	2	46
Educação infantil: história, desenvolvimento e ações educativas.	Beatriz Corrêa	2	46
Filosofia da arte.	Vandimar Marques Damas	2	45
Fotografia e Vídeo: Entre Documento e Arte Contemporânea.	João Lemos	1	12
Fotografia, Memória e Identidade.	Maria de Fátima Lopes	1	17

Fotografia: Técnicas e olhar com a câmera digital amadora	Christiane Cavalcante Frauzin	2	41
História da imagem: ampliando a história da arte.	Jordana Falcão	2	50
Impressionismo: o estudo da luz e sombra na fotografia.	Icleia Morbeck	1	21
Mistura de Cores.	Kleber Lopes da Silva	2	50
Moda e cinema: análise de figurinos aplicada ao estudo da história da moda.	Viviane Cabral e Silva	1	21
O corpo educado: trânsitos entre educação, sexualidade e artes visuais.	Tales Gubes	2	46
Olhares e Traços Diferentes - Fotografia e Desenho.	Genercy Maria da Costa Moraes	1	27
Os locais da sexualidade e do gênero na arte/educação contemporânea.	Tales Gubes	2	46
Podcast: meio para processo de ensino aprendizagem.	Márcia Inês Silva	3	66
Popularização da imagem: entre a inspiração e a cópia.	Danielly Amatte	3	75
Processos de criação na gravura.	Maria de Fátima França Rosa	1	16
Rodando a Baiana: O Terreiro e suas visualidades.	Paulo Petronilio Correia	1	21

Second Life Realidade Virtual: Educação e Pesquisa em um Mundo on-line.	Joanna Penna	21	13
Sujeitos e Territórios: Um relato sobre a importância da arte-educação, numa perspectiva crítica, no cotidiano de crianças moradoras da periferia urbana.	Kelly Mendes	1	20
Videoarte - Criação e Produção de Vídeos.	Abigail Rosa Alves	1	23
TOTAL	23	37	810

Fonte: Arquivo pessoal.

11

Nessa perspectiva, no ano de 2012, foi criado o projeto denominado *Galeria Temática*, sendo reeditado no ano de 2013 uma segunda *Galeria temática*, por meio do projeto denominado *Galeria: temas eletivos* (Ver Tabela 2). Tais Projetos ofereceram temas eletivos por meio de ações e planejamento voltados aos conteúdos de artes visuais e estudo da cultura visual, buscando vínculos entre teoria e prática; ação e reflexão; conhecimento e experiência entre diferentes níveis de ensino, sujeitos e contextos. A partir de 2012 esses temas (cursos), ministrados com parceria de professores/as e tutores/as dos Programas UAB no Curso de Licenciatura na modalidade à distância, passaram a ser desenvolvidos como ação de extensão, através do *Programa Arte na Escola*, tornando-se aberto à comunidade, uma vez que possibilitou o acesso para professores(as) das redes municipal, estadual e privada de vários Estados do Brasil. Nesses dois anos os cursos ofertados atenderam a 622 cursistas.

Tabela 02: Cursos ofertados no ano de 2012 e 2013.

Nome do curso	Ano	Ministrante	Edições	Quantidade de cursistas
A contação de Histórias e a Desmistificação de Objetos.	2012	Lilian Goulart	1	28
“Beabá” tecnológico	2012	Marcia Inês Silva	1	26
Ensino de arte contemporânea: possibilidades e implicações na educação.	2012	Kelly Bianca Clifford	1	22
Eu, vocês e todos nós: articulações entre arte contemporânea, abordagens narrativas e formação docente.	2012	Aline Nunes e Marcelo Forte	1	19
Fotografia: Técnicas e olhar com a câmera digital amadora.	2012	Christiane Cavalcante Frauzino	1	26
Os quadrinhos japoneses (mangás) e o ensino de artes visuais.	2012	Iliada Damasceno Pereira	1	46
Problematizando sexualidade em processos educativos.	2012	Juzelia Moraes e Tales Gubes	1	46

Processos de criação na gravura: Do Estêncil ao Digital.	2012	Maria de Fátima França Rosa	1	45
Redação Técnica para Projetos Culturais.	2012	Leonardo Luigi Perotto	3	12
Trabalho docente na EAD.	2012	Shirley Elias Vilela	1	17
Armário de Lembranças: educação das artes visuais mediada por objetos que habitam nossas casas.	2013	Henrique Lima Assis	3	41
Criação de Movie Maker e sua aplicação em sala de aula.	2013	Eliane Quintais	1	50
Experimentações em Pintura.	2013	Genercy Maria da Costa Moraes	2	21
Fanzine: teoria e prática.	2013	Matheus Moura	2	50
Inclusão no Ensino de Arte: Saber e praticar e Fotografia e pós-modernidade.	2013	Rubens Alves Costa Junior	2	21
Obras vivas no ensino de arte: um exercício de interpretação visual via tecnologia da informação	2013	Yves de Sousa Silva	1	46

Percurso e criação em rede.	2013	Raoni Gondim	1	27
Um passeio pela pintura: Figurativa & Abstrata.	2013	Genercy Maria da Costa Moraes	1	46
TOTAL		19	25	622

Fonte: Arquivo pessoal.

O Arte na Escola – Polo Goiás é um programa da Faculdade de Artes Visuais que visa dar apoio permanente aos professores(as) das redes municipal, estadual e particular. O Polo Goiás está localizado no prédio do Museu Antropológico na Praça Universitária. Nesse espaço o(a) professor(a) encontra materiais educativos ligados ao ensino das artes visuais. Tem um acervo (MEDIATECA) que está organizado em DVDs sobre arte brasileira e ensino de arte, livros de arte e catálogos. São materiais para apoio didático e artístico-pedagógico, oferecidos pelo Instituto Arte na Escola/SP, com conteúdos que possibilitam o ensino da arte na sala de aula. Através desse programa os(as) professores(as) podem participar de projetos e cursos ligados a temas fecundos, com pontos de convergência com os estudos de cultura visual, trazendo contribuições significativas para as concepções e abordagens contemporâneas de ensino de arte.

Entre os anos de 2014 e 2016 ocorreu uma diminuição da oferta das temáticas, pois foi o momento de finalização dos Cursos (Programas), ocasionando a diminuição de professores(as) dispostos a ofertarem os cursos nesse formato e a consequente diminuição do número de participantes, que nesse período somaram 114 cursistas (Ver Tabela 3).

Tabela 03: Cursos ofertados nos anos de 2014 e 2016.

Nome do curso	Ano	Ministrante	Edições	Quantidade de cursistas
Cartografia: Inscritos Imaginários.	2014	Raoni Gondim	1	28
Cenas de sala de aula para pensar questões de gênero e sexualidade.	2014	Luciana Borre	1	26
Livro de artista: experimentos editoriais na sala de aula.	2014	Eduardo Ávila	1	22
Arte Contemporânea na escola: questões e possibilidades.	2016	Valéria Fabiane Cabral	1	19
As Narrativas e as mídias.	2016	Rogéria Eler	1	26
Breve História do Erotismo na História da Arte.	2016	Carla de Abreu	1	46
Cotidianos e Narrativas como potencialidades poéticas na contemporaneidade.	2016	Aline Nunes e Juzelia Moraes	1	46
Desenho, Cultura e Representação: Práticas pedagógicas	2016	Lorena Abdala	1	45
TOTAL		9	8	124

Fonte: Arquivo pessoal.

A oferta dessas temáticas visava contribuir para uma formação contínua de diferentes sujeitos por meio da aproximação e atualização de conteúdos ligados à arte. E, ainda, para a construção de referências teórico-práticas sobre e para o ensino de arte e da cultura visual. Esses temas estimularam as discussões relacionadas à arte e à cultura visual, contribuindo para a ampliação de repertórios, tanto para os/as estudantes e comunidade geral como para os/as professores(as) atuantes, gerando um processo contínuo e exploratório dos conteúdos e recursos oferecidos onde “Aprender envolve sempre uma construção com participação ativa de quem aprende, envolvendo não um único sujeito, mas uma interação entre diferentes indivíduos [...]” (MORAES, 2010, p. 139).

Nos anos de 2017 e 2018, devido à reestruturação da terceira oferta, via Programa UAB, da Licenciatura em Artes Visuais – modalidade a distância –, os cursos de extensão na modalidade online foram suspensos, sendo retomados no primeiro semestre letivo do ano de 2019 (Ver Tabela 4). Nessa oferta em 2019, denominada Repertório formativo: Temas eletivos para o ensino de arte e cultura visual, somamos quatro ofertas temáticas e o total de 115 cursistas de vários estados do Brasil.

Os temas ‘geradores’ propostos em cada oferta, durante esse anos, vicejaram um espaço educativo no âmbito da pesquisa e extensão universitária, criado nos cursos online, onde as discussões consideraram os aspectos sociais, políticos e econômicos para compreender o campo conceitual delineado pelos estudos da cultura visual para o campo da educação das artes visuais. Buscando, durante os estudos, que fosse possível construir maneiras de aprender, ver e imaginar que estabeleçam uma perspectiva de cultura visual onde “[...] a percepção é uma interpretação e, portanto, uma prática de produção de significado que depende do ponto de vista do observador/espectador [...]” (TOURINHO; MARTINS, 2011, p. 53).

Tabela 04: Cursos ofertados no primeiro semestre letivo de 2019.

Nome do curso	Ministrante	Edições	Quantidade de cursistas
A Maçã na Cultura Visual: Práticas e reflexões para se pensar o desenho em sala de aula.	Christiane Frauzino	1	19
Artes Visuais na Educação Infantil.	Mônica Mitchell	1	38
Mulheres na luta pela educação no Brasil (séculos XIX e XX).	Noeli Batista dos Santos	1	27
Processos de Criação na Gravura: Do Estêncil ao Digital.	Maria de Fátima França	1	31
TOTAL	4	4	115

Fonte: Arquivo pessoal.

Perceber a apropriação e o reconhecimento do ambiente digital como “locus” privilegiado de experiências para a construção e o compartilhamento de aprendizagens, cuja ênfase foi ampliada por meio de projetos de extensão, nos questionou a refletir acerca desse percurso e, nesse processo, reconhecer os caminhos pelos quais transitamos. Como forma de pontuar algumas dessas questões, apresentamos abaixo trechos avaliativos compartilhados por alguns

cursistas da edição do primeiro semestre letivo do ano de 2019. Para essa avaliação, os/as cursistas foram convidados a responderem um questionário formatado e disponibilizado por meio da ferramenta *Google Forms*, do total de 115 cursistas, 56 responderam. Dentre as questões propostas, algumas abrangeram informações sobre faixa etária, nível de estudos, gênero que se identifica e perfil profissional, conforme pode ser observado nos Gráficos 1, 2 e 3.

1. Por favor, em qual faixa etária você se encontra?

56 responses

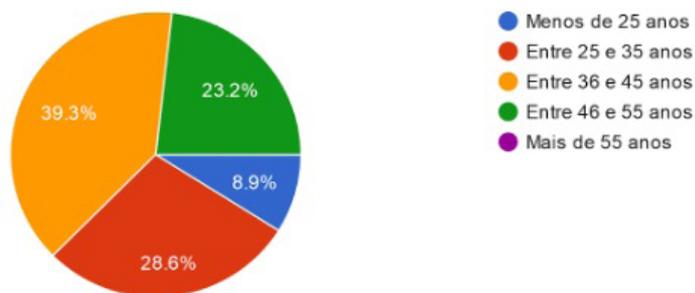


Gráfico 01.

Fonte: Arquivo pessoal.

Em relação ao Estado em que residem, foram mapeados os seguintes dados: Goiás – 50.9%; Mato Grosso – 9.1%; Minas Gerais – 1.8%; Rio Grande do Sul – 7.3%; São Paulo – 14.5%; Tocantins – 3.6%; Bahia – 1.8%; Ceará – 3.6%; Distrito Federal – 7.3%. Os dados apresentados indicam o mapeamento das 56 respostas no formulário, havendo outros estados a serem incluídos a partir das fichas de matrícula. Ao serem questionados(as) se os cursos cumpriram as expectativas, 63.6% indicaram que “foi o que esperavam” e 34.5% indicaram ter sido “acima do que esperavam”. Em relação a avaliação geral dos cursos, 46.4% indicaram “muito bom”; 44.6% indicaram “excelente” e 8.9% indicaram “bom”. Ao serem questionados se recomendariam os cursos, 100% das respostas indicaram que “sim”.

2. Qual é o teu nível teu nível de estudos?

56 responses

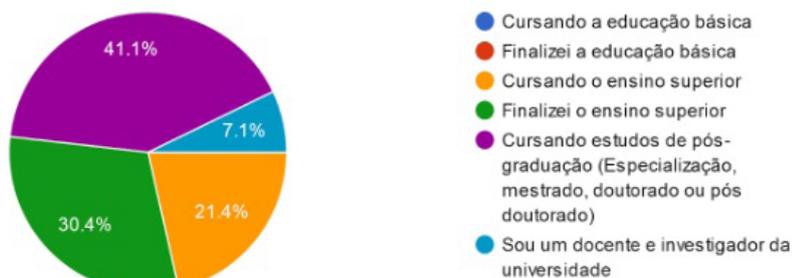


Gráfico 02.

Fonte: Arquivo pessoal.

3. Gênero

56 responses

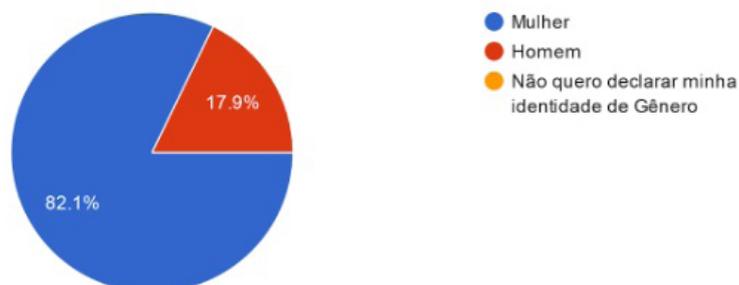


Gráfico 03.

Fonte: Arquivo pessoal.

Ao serem solicitados(as) a apresentarem sugestões para as próximas ofertas, foram compartilhadas reflexões cujo foco é pedagógico, por exemplo:

Fazer este curso foi muito importante para minha formação, principalmente porque a partir dele pude conhecer mulheres que foram importantes para o contexto educacional e político do

nosso país. As referências bibliográficas foram bem selecionadas e a professora fez um bom plano de curso. No entanto, senti falta de um diálogo mais aberto. A crítica é mais em relação ao diálogo entre nós alunas e alunos. Acho que assim o curso seria muito melhor aproveitado, inclusive fugiria da ideia de curso como exercício. Acho que o diálogo entre alunas e alunos seria enriquecedor.

Fiquei muito feliz, pois as trocas de experiências enriqueceram minha prática pedagógica.

Em outras sugestões foram apontadas questões referentes ao formato de avaliação dos conteúdos desenvolvidos, por exemplo:

Sugiro avaliar a participação dos cursistas de outra forma, mais direta, do que participação em fóruns.

Poderia ser excelente se as participações dos alunos tivessem mais qualidade e mais assiduidade, para que as trocas de experiências e levantamentos de questões fossem mais ricas.

Fiquei meio “perdida” no site, em como as atividades são colocadas, achei um pouco confuso.

Ter mais trocas de experiências na prática. Como no final fez.

Que proponha mais experiências.

Mais cursos

Continuar ofertando esse curso.

Também foram apresentadas análises acerca do tempo destinado ao desenvolvimento das atividades, entre elas:

Sugiro ampliação da carga horária do curso, pois considero que o tempo foi curto diante da rica proposta apresentada pela docente.

Que seja ofertado outra vez na modalidade EAD

Que possa durar mais tempo.

Oferecer cursos o ano todo

Tempo muito curto textos longos

Continuar com esse nível e os estudantes aproveitar bem a oferta.

Achei o tempo curto e no final de semestre o que dificultou minha participação.

Continuar ofertando

Aumentar a carga horária.

Ao revisitarmos o questionário avaliativo, bem como os dados que por meio dele são apresentados, refletimos sobre as particularidades que permeiam esse universo da mediação online, em especial, acerca das sugestões e expectativas que são geradas no decurso das ofertas, mas não somente. Para nós, é bastante esclarecedor que o principal público na oferta dos cursos sejam o feminino, em especial, porque reflete não apenas a realidade que vivenciamos em nossas salas de aula digitais e presenciais, mas também a flexi-

bilidade do tempo e espaço para dedicação à formação continuada. O nível de estudos dos(as) cursistas nos indicam que, de maneira geral, a proposta dos cursos de extensão atendem a profissionais da educação, entre graduação e pós-graduação, sinalizando o potencial de cursos nessa modalidade para fins de qualificação profissional, considerando que os cursos são certificados com carga horária de 40h, possibilitando que tais profissionais possam, por meio dessa formação, agregar valor não apenas formativo, mas também financeiro em seus respectivos locais de atuação, cujos planos de carreira preveem a progressão remunerada.

Outro fator relevante, nesse diálogo formativo, são os apontamentos didático-pedagógicos compartilhados. Apontamentos sobre formas de mediação, tempos disponibilizado para desenvolvimento das atividades, bem como a solicitação para ampliação de carga horária, sinalizam para nós a disponibilidade desse grupo em partilhar de suas experiências, não apenas da condição discente, mas também de sua condição docente, visto que a maioria tem experiência nesse universo da educação.

Ao revisitarmos as informações aqui compartilhadas, nos questionamos sobre quais seriam as ações que nos aproximam e nos distanciam dos movimentos de educação aberta que ocorreram nesse mesmo período em outros contextos acadêmicos? E, quais seriam os aprendizados que nos possibilitam ampliar as ações já desenvolvidas e reconfigurar esse sentido ampliado de campus universitário para além das fronteiras geográficas e do pertencimento acadêmico? E ao revisitarmos esse percurso identificamos que esse processo de experimentação – e, de certa forma, de subversão dos espaços e ambientes legitimados de ensino –, nos aproximou das ações em curso em outros contextos acadêmicos, no desafio da construção de uma educação menos restritiva – no que se refere a esse emergente “locus” de ensino – e mais plural – no que se refere

aos temas desenvolvidos. Essa percepção repercutiu na avaliação dos(as) cursistas, por exemplo, quando solicitam novas ofertas de cursos nessa modalidade. Nesse sentido, destacamos três desafios que motivaram a proposição dessas ações e ainda nos orientam para a continuidade e crescente ampliação. São eles: o desafio do deslocamento, o desafio da inclusão e o desafio do pertencimento.

Diálogos convergentes

O primeiro ponto de destaque é o desafio do deslocamento. Saímos de uma concepção de ensino pautada no paradigma presencial e adentramos as fronteiras, naquele contexto, recém-inauguradas pelas TICE. Esse desafio não foi simples (e ainda se mantém complexo), pois enquanto os avanços tecnológicos pautaram as experimentações de centenas de universidades em rede, em nosso contexto local, ainda hoje enfrentamos o desafio do convencimento no que tange ao (des)crédito de que não apenas é possível o ensino e aprendizagem mediado por tais tecnologias, como ainda enfrentamos resistências para avançarmos nas discussões e proposições não apenas de práticas didático-pedagógicas mais coerentes com o contexto contemporâneo, mas também no desafio da institucionalização dessa modalidade de ensino na UFG.

O ato de deslocar-se quando utilizado como mobilidade de lugar e espaço como pensadas por autores como Certeau (1994) e Augé (1994), nos ajudam a fundamentar concepções que compreendem os deslocamentos como sendo também uma possibilidade de (re)posicionar-se em relação aos modos de ver, pensar, agir e refletir (CABRAL, 2015). Tais noções sinalizam possibilidades que estão em consonância com os estudos da cultura visual, pois podem deflagrar processos de “[...] deslocamentos de noções rígidas sobre

espaço, local e temporalidades para modos flexíveis de analisar arte e imagem [...]” (MARTINS, 2012, p. 6). Deslocamentos no tempo, espaço e pensamento que desencadeiam um processo de permanente reflexividade sobre o que fazemos, pois a prática da reflexividade, no sentido de (re)criar um universo de significações para cada atuação, é proposta pela cultura visual e possibilita desvelar aspectos do ambiente de atuação onde estamos inseridos/as (CABRAL, 2015).

A respeito de deslocamentos, consideramos ser importante nos situar na discussão que permeia o pensamento contemporâneo que “norsteia” (e nesse caso não se trata de uma metáfora, pois de fato, foram as universidades situadas no que concebemos por “Hemisfério Norte” que saíram à frente no uso, apropriação e deslocamento de tais tecnologias para o contexto de ensino-aprendizagem) as pesquisas acerca do tema. Na Introdução, apresentamos o conceito de cibercultura, o qual, para nós, reflete a coerência das temáticas desenvolvidas, deslocando a experiência pedagógica dos tradicionais polos de compartilhamento, presenciais, mas não somente.

Conforme aponta Lévy (2010), caracterizam a ideia de cibercultura práticas de interconexão – ao interligar sujeitos de diferentes espaços formativos, áreas de estudos e contextos geográficos; criação de comunidades virtuais – ao integrar sujeitos motivados(as) para a construção e o compartilhamento de aprendizagens; e no exercício da inteligência coletiva – quando as ações se complementam no aprendizado conjunto, indicando a impossibilidade de uma totalidade no que se refere ao conhecimento, compreendendo que o ato de conhecer e da construção do conhecimento decorre do exercício compartilhado. Tais aspectos foram observados no decorrer da oferta dos cursos listados nas Tabelas 1, 2, 3 e 4, visto que essa flexibilidade de tempo e espaço também refletiu a possibilidade de deslocamentos de temáticas poucos

discutidas em ambiente acadêmico, bem como o favorecimento de grupos de estudo não apenas online, mas também presenciais.

No que concerne à compreensão do conceito de inteligência coletiva é importante citar o conceito de cultura da convergência (JENKINS, 2009) para indicar que, no atual contexto, movimentos de ensino e aprendizagem precisam considerar experiências didático-pedagógicas que permeiam não apenas a inteligência coletiva, mas a convergência das mídias e a cultura participativa. Tais indicações não são exclusivas de experiências educativas voltadas para a modalidade online, mas, são potencializadas a partir delas e a nós parece lógico que a modalidade presencial possa, ao invés de se fechar em sua certezas, se abrir para as possibilidades que emergem desse contexto.

Um segundo ponto de destaque, não menos importante, é o desafio da inclusão. Santaella (2013) chama a atenção para a ubiquidade da nossa condição contemporânea e para os impactos que essa ecologia midiática, cuja ênfase está na hipermobilidade, dá novos significados ao uso de aparatos tecnológicos, bem como às redes em que eles se inserem. Para ela, ao nos deslocarmos pelas tecnologias do reprodutível, da difusão e do disponível, chegamos às tecnologias do acesso e da conexão contínua. Nesse deslocamento, não se trata de sobrepormos uma tecnologia à outra, mas de compreendermos que não apenas no viés tecnológico, mas especialmente no âmbito cultural, tais tecnologias se tornam permeáveis e nos exigem novos diálogos convergentes. Nessa perspectiva, destacamos que as Galerias temáticas causaram rupturas nas formas pelas quais os diálogos entre universidade e comunidade se legitimaram, pois a flexibilidade de tempo e espaço, bem como a possibilidade do desenvolvimento de diálogos assíncronos transformaram as relações de ensino-aprendizagem, configurando novas práticas de inclusão ao contexto universitário.

O terceiro ponto de destaque é o desafio do pertencimento. Para Santos (2019, p. 132), “Um lugar sem memória é um espaço vazio de figurações e, portanto, de pertencimento.”. Por figurações, podemos compreender as maneiras pelas quais forma e conteúdo passam a ser reconhecidos socialmente, incluindo a ideia que construímos de universidade. Não raras vezes, tal ideia está referenciada pela estrutura física, situada num determinado contexto geográfico. Segundo Tuan (1980, p. 5) esse movimento de pertencimento a um determinado lugar está conectado à ideia de *Topofilia*, para ele “[...] o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal [...]. A compreensão de que a universidade, não apenas enquanto ideia, mas também enquanto espaço de acesso – e, portanto, de vivência acadêmica – ainda se demonstra ausente das redes digitais. Quando, por meio da oferta de temas convergentes para a formação de professores(as) de artes visuais a ideia de universidade foi atualizada para o contexto digital, o referencial geográfico foi deslocado e também a possibilidade de inclusão de novas memórias a esse contexto.

Entre as memórias que potencializaram a ideia de pertencimento dos cursistas das Galerias Temáticas à rede de ensino-aprendizagem da FAV UFG, destacamos que sujeitos de diferentes cidades do Estado de Goiás e, também, de diferentes Estados brasileiros puderam compartilhar suas narrativas, suas imagens e suas práticas culturais ao dialogarem nas salas digitais configuradas para a oferta dos cursos. Também, ressaltamos que ao se inserirem nessa rede acadêmica, diálogos convergentes passaram a ser construídos de maneira coletiva e colaborativa.

Observamos no decurso deste estudo de caso que as ações de extensão desenvolvidas na oferta de cursos, por meio das Galerias Temáticas nos aproximaram das ações de convergências realizadas no mesmo período, em outros contextos acadêmicos e geográfi-

cos. Conforme já dissemos, enquanto o diálogo entre nossos pares ainda se mantém no âmbito do convencimento de que é possível mediar situações de ensino e aprendizagem na modalidade online. Contudo, em outros contextos os diálogos já avançaram para a institucionalização não apenas da oferta de cursos de graduação e pós-graduação, como também na oferta de programas de extensão por meio de plataformas *MOOCs*; de projetos iguais ao desenvolvido na Universidade Aberta de Portugal em que os projetos *Aula Aberta* e *Campus Aberto* possibilitam que estudantes de diferentes países possam partilhar de disciplinas ofertadas em seus cursos de graduação e pós-graduação, além de possibilitar a participação em eventos de extensão, em sua maioria, abertos a inscrições e ao acompanhamento online em tempo síncrono e assíncrono, sendo, ambos, certificados pela Instituição proponente.

Considerações finais

No que se refere à ampliação das ações que vêm sendo desenvolvidas no decurso desses 12 anos, com especial ênfase nos cursos de extensão, desde o ano de 2011, conforme histórico aqui compartilhado, destacamos a Plataforma *Moodle Ipê* – Pesquisa e Extensão, que apresenta uma versão atualizada da Plataforma *Moodle*, bem como a facilidade no cadastro, acesso e inserção dos(as) cursistas, em especial, aqueles(as) que não possuem vínculo institucional de docente e/ou discente. Também, nesse decurso temos tido a oportunidade de reencontrar nossos egressos dos cursos de Licenciatura em Artes Visuais – modalidade a distância e também da modalidade presencial. Em especial, destacamos que alguns desses egressos(as) já vivenciaram a condição de docentes ao participarem da oferta de cursos na *Galeria Temática*. Para nós, essas

vivências significam que, apesar das dificuldades inerentes à práticas disruptivas que desafiam um paradigma de ensino pautado na modalidade presencial, cujas bases situam-se no século XIX, temos motivos para seguir na proposição de novas ofertas de cursos nessa modalidade, bem como de dialogar em nível de horizontalidade com os centros acadêmicos de referência no ensino mediado pelas TICE, independente dos locais geográficos em que estão situados.

A partir das experiências realizadas durante esse percurso, constatamos que é possível uma educação contemporânea, em consonância com o século XXI, para pensar e (re)criar práticas pedagógicas convergentes, com as dimensões pedagógica e investigativa, que concebem o ambiente digital como “locus” para a construção de conhecimento e ambiente de ensino mediado pelas TICE. Embora saibamos que do ponto de vista educativo, não basta a aquisição de conhecimentos por si só, mas pensar em um ‘*continuum*’ - critério da experiência na visão de Dewey (2010), na construção de ações compartilhadas para gerar aprendizagens. Aprendizagens que podem acontecer por meio de exercícios reflexivos que buscam uma perspectiva crítica, estimulada pela cultura visual, para explicitar a forma como cada um/a concebe, pensa e interpreta a arte e, conseqüentemente, como essas concepções influenciam “[...] contribuindo para ampliar não apenas o acervo de interpretações e de sentidos da territorialidade visual, mas, principalmente, seus espaços de diversidade [...]” (MARTINS, 2018, p. 5). Pois preocupa-nos estimular a formação de sujeitos mais perceptivos, criativos e críticos de sua realidade individual, cultural e social.

Em movimentos contínuos de flexibilização dos modos de aprender e ensinar proporcionado pelo diálogo e a interação, que os cursos online oferecem e a liberdade na construção do conhecimento que conduz para várias possibilidades nas dimensões pe-

dagógica e investigativa, nasce como ação deflagrada do processo compartilhado até aqui, o Programa de Extensão denominado Temáticas em Arte, Educação Contemporânea e Cultura Visual (TAECC). Esse Programa irá constituir-se como campo de ensino, pesquisa e extensão, por meio da sistematização de experiências educativas que fomentam a formação através de momentos de reflexão e discussões gerados por situações e questionamentos advindos dos temas relacionados ao campo do ensino de arte e à cultura visual dentro desse ambiente digital de ensino. Outra ação deflagrada por esse processo, na tentativa de organizar e sistematizar essas experiências, foi a criação do Grupo de Pesquisa *Ensino de Arte em Ambientes Digitais* (G_EAAD) que objetiva promover a produção e a reflexão sobre o conhecimento individual e coletivo - na busca por singularidades profissionais, pessoais e pedagógicas - a respeito do potencial que emerge das relações de ensino e aprendizagem em ambientes digitais e das ações voltadas para formação de professores/as, com ênfase na modalidade a distância.

Acreditamos que os modos de aprender e ensinar devem ser (re) significados e a ideia de ofertar temáticas educativas na modalidade online, além de levar em consideração que há uma enorme carência de espaços de aprendizagem voltados para uma formação contínua, nos permite questionar o modelo de ensino baseado na transmissão de conhecimentos apenas pelo professor/a. Construindo assim, um ambiente de aprendizagem, de ensino não formal, que se caracteriza como “lugar de experiência” onde é possível ampliar e flexibilizar o tempo e o espaço para que cada participante possa tornar-se produtor nos processos de criação de sentidos para suas próprias vidas. Se a experiência “[...] é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca [...]” (LARROSA BONDÍA, 2002, p. 21) é por meio da investigação educativa que podemos perceber o ‘como nos passa’ para experienciar uma peda-

gogia dialógica que pensa a experiência como tudo que nos afeta e ao nos afetar nos forma e nos transforma. Um “lugar de experiência” que, enfatizando a prática da reflexividade proposta pela cultura visual, pode estimular a criação de narrativas que reflitam e contribuam para reconstruir as narrativas que estão naturalizadas, consolidando uma educação verticalizada, para que experiências em situações de ensino – em uma perspectiva horizontal – possam ser revisitadas, rearticuladas e criticadas.

Estamos convencidas que é possível compreender o lugar da educação nos ambientes digitais e como essa educação contemporânea favorece para uma formação que busca aprendizagens, através de uma atitude analítica e reflexiva que considera o ato de ver dentro de um contexto social e cultural. Levando em consideração que o processo que envolve cada etapa percorrida é uma espiral contínua entre ação e reflexão (SCHÖN, 2000), atitude que estimula os educadores/as e é uma das principais características dos estudos qualitativos. Nesse sentido, temos um caminho de continuidade investigativa, de um projeto de estudo de caso, para análise de dados encontrados nas avaliações e falas dos/as participantes, de como as ações de ensino e aprendizagem em cursos online mediado pelas TICE, com base em concepções voltadas para o ensino de arte na perspectiva da cultura visual, podem (re) posicionar nas relações de produção, acesso e significação de seu próprio conhecimento.

Referências

AUGÉ, MARC. **NÃO-LUGARES:** INTRODUÇÃO A UMA ANTROPOLOGIA DA SUPERMODERNIDADE. CAMPINAS, SP: PAPIRUS, 1994.

CABRAL, VALÉRIA FABIANE BRAGA FERREIRA. **AÇÕES EDUCATIVAS E POÉTICAS VISUAIS CONTEMPORÂNEAS:** EXPERIÊNCIAS E DIÁLOGOS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS DE ARTES VISUAIS NA MODALIDADE À DISTÂNCIA. 2015. 214 f. Tese (DOUTORADO EM ARTE E CULTURA VISUAL) – UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, GOIÂNIA, 2015. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://CULTURAVISUAL.FAV.UFG.BR/UP/459/O/TESE_VAL%3%A9RIA_FABIANE_CABRAL.PDF](https://culturavisual.fav.ufg.br/up/459/o/TESE_VAL%3%A9RIA_FABIANE_CABRAL.PDF). ACESSO EM: 23 JUN. 2019.

CERTEAU, MICHEL DE. **A INVENÇÃO DO COTIDIANO:** 1. ARTES DE FAZER. PETRÓPOLIS, RJ: VOZES, 1994.

DEWEY, JOHN. **ARTE COMO EXPERIÊNCIA.** 1 ED. TRADUÇÃO VERA RIBEIRO. SÃO PAULO: MARTINS FONTES, 2010.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **MÉTODOS DE PESQUISA PARA INTERNET.** PORTO ALEGRE: SULINA, 2011.

HABER, JONATHAN. **MOOCs.** CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS: MIT PRESS, 2014.

JENKINS, HENRY. **CULTURA DA CONVERGÊNCIA.** SÃO PAULO: ALEPH, 2009.

LARROSA BONDÍA, JORGE. NOTAS SOBRE A EXPERIÊNCIA E O SABER DE EXPERIÊNCIA. **REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO**, N. 19. 2002, DISPONÍVEL EM: [HTTP://DX.DOI.ORG/10.1590/S1413-24782002000100003](http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003). ACESSO EM: 23 JUN. 2019.

LE MOS, ANDRÉ. **CIBERCULTURA:** TECNOLOGIA E VIDA SOCIAL NA CULTURA CONTEMPORÂNEA. PORTO ALEGRE: SULINA, 2002.

LÉVY, PIERRE. **CIBERCULTURA.** SÃO PAULO: EDITORA 34, 2010.

MORAES, ROQUE. **O SIGNIFICADO DO APRENDER:** LINGUAGEM E PESQUISA NA RECONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS.

O'REILLY, TIM. **WHAT IS WEB 2.0?** DESIGN PATTERNS AND BUSINESS MODELS FOR THE NEXT GENERATION OF SOFTWARE. SEBASTOPOL: O'REILLY MEDIA, 2009.

SANTAELLA, LÚCIA. **COMUNICAÇÃO UBÍQUA:** REPERCUSSÕES NA CULTURA E NA

EDUCAÇÃO. SÃO PAULO: EDITORA PAULUS, 2013.

SANTOS, GILBERTO LACERDA. A CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO E A INVESTIGAÇÃO APLICADA A POSSIBILIDADES EMERGENTES DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO (TICE): ENSAIO SOBRE UMA SITUAÇÃO PROBLEMÁTICA. **EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS**, v. 12, n. 2, 2018. DISPONÍVEL EM: [HTTP://WWW.LATEC.UFRJ.BR/REVISTAS/INDEX.PHP?JOURNAL=EDUCAONLINE&PAGE=ARTICLE&OP=VIEW&PATH%5B%5D=987](http://www.latec.ufrj.br/revistas/index.php?journal=educacaoonline&page=article&op=view&path%5B%5D=987). ACESSO EM: 23 JUN. 2019.

SANTOS, NOELI BATISTA DOS. **TRANSFORMANDO BLOGUES EM ARTEFATOS DA MÍDIA-ARTE: EXPERIMENTAÇÕES POÉTICO-PEDAGÓGICAS**. 2019. 209 F. TESE (DOUTORADO EM MÍDIA-ARTE DIGITAL) – UNIVERSIDADE ABERTA DE PORTUGAL, LISBOA; UNIVERSIDADE DO ALGARVE, FARO, 2019. DISPONÍVEL EM: [HTTP://HDL.HANDLE.NET/10400.2/7982](http://hdl.handle.net/10400.2/7982). ACESSO EM: 23 JUN. 2019.

SCHÖN, DONALD. **EDUCANDO O PROFISSIONAL REFLEXIVO – UM NOVO DESIGN PARA O ENSINO E A APRENDIZAGEM**. PORTO ALEGRE: ARTES MÉDICAS, 2000. (PREFÁCIO E PARTE I, CAPS. I E II).

SOUZA, ANDREA SCUISSIATTO MARES DE. **A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO DIGITAL NA EDUCAÇÃO ON-LINE**, 2003.

TOURINHO, IRENE; MARTINS, RAIMUNDO. CIRCUNSTÂNCIAS E INGERÊNCIAS DA CULTURA VISUAL. IN: MARTINS, R.; TOURINHO, I. (ORGS.). **EDUCAÇÃO DA CULTURA VISUAL: CONCEITOS E CONTEXTOS**. SANTA MARIA: ED. DA UFSM, 2011.

TUAN, YIU-FU. **TOPOFILIA: UM ESTUDO DA PERCEPÇÃO, ATITUDES E VALORES DO MEIO AMBIENTE**. SÃO PAULO: DIFEL (DIFUSÃO EDITORIAL S/A), 1980.

YIN, ROBERT K. **ESTUDO DE CASO: PLANEJAMENTO E MÉTODOS**. PORTO ALEGRE: BOOKMAN, 2015.